

## Relato de Experiência

### Relato de experiência: grupo de aconselhamento pastoral para pessoas em processo de luto em tempos de pandemia da COVID-19

### Experience report: Pastoral counseling group for grieving people in times of COVID-19 pandemic

### Relato de experiencia: grupo de consejería pastoral para personas en proceso de duelo en tiempos de pandemia de COVID-19

Fabiana de Oliveira Ferreira<sup>1</sup> 

Miria Benincasa<sup>2</sup> 

Blanches de Paula<sup>3</sup> 

<sup>1</sup>Autora para correspondência. Universidade Metodista de São Paulo (São Paulo). São Paulo, Brasil. fabiana.o.ferreira@gmail.com

<sup>2,3</sup>Universidade Metodista de São Paulo (São Paulo). São Paulo, Brasil. miria.gomes@metodista.br, blanches.paula@metodista.br

**RESUMO | INTRODUÇÃO:** A elaboração do luto é vivenciada de formas particulares pelas pessoas, dependendo dos recursos sociais e pessoais disponíveis, do contexto e da história de vida do indivíduo. Este trabalho propõe-se a apresentar uma iniciativa de assistência às pessoas enlutadas através do aconselhamento pastoral. **OBJETIVO:** O objetivo desta intervenção é oferecer suporte a pessoas que estejam vivenciando o luto, através da partilha de experiência ante a dor e sofrimento diante da morte. **METODOLOGIA:** A metodologia dos grupos é aplicada em dois módulos nos quais cada grupo tem cerca de quatro encontros por mês, com encontros semanais. Nestes encontros, que tem uma duração de até 1h30min, são trabalhados temas que possibilitem diálogo e troca de experiências diante do luto. Os grupos são compostos por, no mínimo cinco e, no máximo dez pessoas. Até o momento, foram atendidas cerca de 70 pessoas. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Os resultados dessa intervenção revelam que o grupo se tornou um espaço de ressignificação da vida, pós-perda para morte. Por tratar-se de um momento de compartilhamento de dores e lutos, as experiências trocadas mostraram caminhos para a assimilação do próprio luto e desenvolvimento de projetos de vida. O presente projeto teve seu início antes da Pandemia de COVID-19, entretanto, a assistência se fez presente durante este período. Especialmente com peculiaridades relacionadas a um velório restrito e limitações para elaboração do luto por meio de rituais socialmente reconhecidos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Consideramos que o simples fato de refletir sobre os assuntos abordados a cada encontro, ao mesmo tempo em que exerce a escuta e pode falar sobre suas próprias experiências, por si só, se revela como caminho para a superação do luto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luto. Aconselhamento pastoral. Pandemia. Espiritualidade. Morte.

**ABSTRACT | INTRODUCTION:** The elaboration of mourning is experienced in particular ways by people, depending on social and personal available resources, context, and life history. This work aims to present a support initiative to mourning people through pastoral counseling. **OBJECTIVES:** The goal of this intervention is to offer support to people who are experiencing grief, through the sharing of experience in the face of pain and suffering in the face of death. **METHOD:** The groups' methodology is applied in two modules, in which each group has about four meetings per month, with weekly meetings. In these meetings, which last up to 1h30min, topics that allow dialogue and exchange of experiences in the face of grief are worked on. The groups are composed of a minimum of five people and a maximum of ten. Until this moment, seventy people have been assisted. **RESULTS AND DISCUSSION:** The results of this intervention reveal that the group becomes a space of resignification of life after death losses. As it is a time for sharing the pain of mourning, experiences exchanged showed ways to assimilate one's own grief and develop life projects. This project started before the COVID-19 pandemic. However, this assistance stills remains present during this time. The results of these realities present peculiarities related to the restricted funeral and limitations to the elaboration of mourning through socially recognized rituals. **FINAL CONSIDERATIONS:** It is observed that the simple fact of reflecting on subjects addressed in each meeting, at the same time that it is possible to listen and share your own experiences, reveals itself as a way of overcoming grief.

**KEYWORDS:** Mourning. Pastoral counseling. Pandemic. Spirituality. Death.

Submetido 08/09/2021, Aceito 27/05/2022, Publicado 01/08/22

Rev. Psicol. Divers. Saúde, Salvador, 2022;11:e4097

<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2022.e4097>

ISSN: 2317-3394

Editora responsável: Mônica Daltró

Como citar este artigo: Ferreira, F. O., Benincasa, M. & Paula, B. (2022).

Relato de experiência: grupo de aconselhamento pastoral para pessoas em processo de luto em tempos de pandemia da COVID-19.

Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 11, e4097. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2022.e4097>

org/10.17267/2317-3394rpsds.2022.e4097



**RESUMEN | INTRODUCCIÓN:** La elaboración del duelo es vivida de formas particulares por cada persona, dependiendo de los recursos sociales y personales disponibles, del contexto y de la historia de vida del individuo. Este trabajo propone presentar una iniciativa de asistencia a las personas enlutadas a través de la consejería pastoral. **OBJETIVO:** El objetivo de esta investigación es ofrecer soporte a quienes estén viviendo el duelo, a través de las experiencias compartidas delante del dolor y el sufrimiento causado por la muerte. **METODOLOGIA:** La metodología de los grupos es aplicada en dos módulos donde cada grupo tiene cuatro encuentros mensuales, con un encuentro semanal. En estos encuentros, que tienen una duración de hasta 1h30min, son trabajados temas que posibiliten el diálogo e intercambio de experiencias delante del duelo. Los grupos están formados por, como mínimo, cinco y, como máximo, diez personas. Hasta ahora, fueron atendidas cerca de 70 personas. **RESULTADOS Y DEBATES:** Los resultados de esta intervención revelan que el grupo se convirtió en un espacio de resignificación de la vida. Por tratarse de un momento de intercambio de dolores y duelos, las experiencias compartidas muestran caminos para la asimilación del propio duelo y el desarrollo de proyectos de vida. El presente proyecto tuvo su inicio antes de la Pandemia de COVID-19, pero la asistencia se hizo presente durante este periodo. Especialmente con peculiaridades relacionadas a un velorio restringido y limitaciones para la elaboración del luto por medio de rituales conocidos socialmente. **CONSIDERACIONES FINALES:** Consideramos que el simple hecho de reflexionar sobre los asuntos abordados en cada encuentro, además de ejercer la escucha y poder hablar de las propias experiencias, también se revela como un camino para la superación del duelo.

**PALABRAS CLAVE:** Duelo. Consejería pastoral. Pandemia. Espiritualidad. Muerte

## Introdução

*“A força advinda do sofrimento é fruto de gestos solidários que espalham sementes de esperança em meio à dor”  
(Paula, 2011, p. 52)*

O projeto de aconselhamento pastoral em grupo para pessoas enlutadas – Enlutados/as, é coordenado pela autora deste relato de experiência através da Pastoral Escolar e Universitária da Universidade Metodista de São Paulo. É divulgado nos canais da Universidade Metodista de São Paulo direcionado a toda comunidade acadêmica e externa. Este projeto nasce da experiência pessoal da pesquisadora com o luto e a necessidade do espaço de partilha das dores enquanto assimilava a perda do filho, sem qualquer tipo de julgamento, ou que na tentativa de consolar dissesse palavras duras que mais angustiarão do que trariam paz.

A necessidade de um espaço para poder ouvir as histórias de outras pessoas que estavam vivenciando o luto, nos desafia a escrever e desenvolver este projeto. Estava fazendo uma Pós-graduação em Aconselhamento pastoral, e em meio aos conteúdos aplicados, deparei-me com os modelos de aconselhamentos, dentre eles o aconselhamento pastoral em grupo. Procurei minha professora e orientadora, que é Doutora em aconselhamento pastoral, especialista em luto, Profa. Dra. Blanches de Paula, e pedi que ajudasse nesta elaboração. Com a indicação de alguns referências bibliográficos, montei o projeto e apresentei à Pastoral Escolar e Universitária para os encaminhamentos e aplicação.

Primeiramente, foi necessária uma leitura do contexto social para verificarmos para quem direcionaríamos o projeto e, como parte desse processo, iniciamos com oito encontros que aconteciam uma vez por semana direcionado apenas às mulheres enlutadas. Fizemos algumas ponderações e o projeto foi se transformando. Hoje é destinado a qualquer pessoa maior de 18 anos, independente do gênero, que tenha vivenciado diretamente o luto. Ele é dividido em dois módulos de quatro encontros cada, o que permite a participação de uma pessoa apenas em um módulo ou dos dois, caso assim deseje.

A metodologia aplicada parte sempre do pressuposto da partilha da dor e sofrimento causados pelo luto. Neste sentido, muitas delas compartilham suas experiências de dores, ao mesmo tempo que se veem em outras histórias repartidas no grupo. Se descobrem parte de uma comunidade que sofre e que passa invisível, na maioria das vezes, sem ter com quem dividir suas angústias diante do luto. O simples fato de refletir sobre os assuntos levantados em cada encontro, obtendo assim, um lugar de fala ao mesmo tempo que desenvolve a escuta acolhedora, por si só se revela em instrumentos para a ressignificação da vida.

Neste relato de experiência, participaremos dos procedimentos metodológicos aplicados, relatos de luto de quem perdeu alguém em tempos pandêmicos, bem como, os resultados desta experiência ao final de cada módulo.

## Contexto social e o sofrimento

Um olhar para o contexto social é importante quando pensamos na aplicação do aconselhamento pastoral em grupo. Primeiramente, porque assim definimos melhor a área necessária a qual o grupo será direcionado, e posteriormente, na compreensão da dinâmica social atrelada à realidade desta comunidade. Para quem desenvolve, por exemplo, um aconselhamento pastoral junto a um grupo de pessoas enlutadas, é importante ter uma assimilação com o tema proposto, bem como, compreender os últimos acontecimentos que envolvem tanto a sociedade como a individualidade de cada pessoa que se inscreve no grupo.

A sensibilidade, a dor e sofrimento de quem perdeu, se tornam instrumentos indispensáveis neste processo. Por mais que haja comoção das comunidades e até mesmo do mundo em algumas situações de morte, o sofrimento é latente e inevitável para quem vive diretamente a perda para a morte e encará-lo como parte do viver torna possível um caminho de ressignificação da vida.

[Franco](#) (2021) salienta que o suporte oferecido por uma rede de apoio que se forma para o indivíduo em luto, inclusive igreja, é importante espaço terapêutico no enfrentamento do luto. Estes espaços de cuidado amenizam o sofrimento de quem vivencia a dor do luto e muitas vezes não encontra lugar para expor sua dor e angústia diante da morte. [Franco](#) (2021, p. 115) destaca ainda que reconhece, "(...) e respeita as ações terapêuticas ofertadas por profissionais de outras áreas com o objetivo de oferecer cuidado de qualidade e sistematizado para pessoas, familiares ou comunidades que enfrentam o luto".

Neste sentido, Hubert [Lepargneur](#) (1985), em seu livro *Antropologia do sofrimento*, afirma que a dor é a primeira e a última experiência mais latente do ser humano. No entanto, a dor é individual, por mais que em alguns momentos ela se apresente no coletivo, cada pessoa a experimenta de forma particular. O aumento da medicação da dor, salienta o quão necessário é o cuidado e o exercício da compaixão, de forma que a empatia, simpatia e relação dos seres humanos com seus próximos sejam recorrentes na vida social e comunitária.

Na busca por um significado para a dor e sofrimento, ao mesmo tempo em que tenta fugir, qualquer pessoa que esteja diante de situações inevitáveis de sofrimento, tem a tendência de recorrer a conceitos que de certa forma amenizam a dor. Podemos considerar que, há uma tendência, até mesmo para pessoas que se denominam como não religiosas de buscarem caminhos, inclusive no âmbito religioso, que tragam algum alívio ao sofrimento. Por outro lado, neste contexto capitalista onde a felicidade é desejada a todo custo, as pessoas se tornam cada vez mais incapazes de lidar com suas dores e conseqüentemente, com o sofrimento ao seu redor.

[Franco](#) (2021) destaca que na sua experiência de formação de psicoterapeutas para trabalhar o luto percebe a necessidade de ampliar o espaço de cuidado, especialmente quando se pensa no luto.

*Entender que as competências entre aspectos cognitivos e emocionais é a base que sustenta decisões sobre avanços, necessidades e dificuldades no desenvolvimento profissional. Integrar o aspecto espiritual acrescenta segurança e amplia escopo do respeito pelas diferenças entre o terapeuta e aquele que recebe seus cuidados. (...) Além do autoconhecimento, quem quer trabalhar com pessoas que vivem em luto precisa conhecer muito bem o fenômeno, o que implica entender sua definição e as variações relativas às demandas de cuidado. Só assim poderá se decidir pela técnica a ser empregada e, mais importante, sobre suas competências para essa finalidade. ([Franco](#), 2021, p. 117-118)*

Um espaço de escuta que alivie a dor e possibilite que a pessoa enlutada exponha suas angústias diante da morte, ameniza os danos emocionais, espirituais e até mesmo físicos diante da perda para morte. [Paula](#) (2018, p. 107) expõe que "o escancaramento do luto, sem espaços de cuidado, escuta, de aprendizado mútuo, de enfrentamento das crises e acolhimento social, pode desencadear uma pandemia de danos físicos, sociais e psíquicos na população (...)".

As mudanças e desafios que permeiam esta sociedade moderna vêm acompanhados pelo medo e desespero; se pensarmos no contexto pandêmico no qual vivemos, em que milhares de pessoas estão ainda mais conectadas ao mundo virtual, vivendo solitárias em meio a seus medos e dores.

A fragilidade nesta sociedade de resultado imediato, ao mesmo tempo que inseguro quanto ao presente e futuro, com a superexposição tende a revelar uma imagem de sucesso, mesmo que esteja envolvida em camadas de fragilidade e suposto fracasso.

Não obstante, [Kóvacs](#) (2014) destaca em seu artigo, embora seja um contexto diferente do pandêmico, que o cenário paliativo, entretanto, nos remete a essa necessidade de lidar com a morte, que muitas vezes é interdita, anulada. Assim, a morte sai do ambiente coletivo e torna-se solitária em seus diferentes aspectos, bem como o desejo incansável de prolongar a vida, de maneira a fugir de ter de lidar com a dor da morte.

*Para se ter dignidade é fundamental: ter conhecimento da aproximação da morte, controle; intimidade e privacidade; conforto para sintomas incapacitantes; escolha do local da morte; ter informação, esclarecimento, apoio emocional e espiritual; acesso a cuidados paliativos; pessoas com quem compartilhar; acesso às DAV, poder decisório e poder se despedir; partir sem impedimentos. É a possibilidade de recuperar aspectos da morte domada como evento natural e com pessoas significativas. ([Kóvacs](#), 2014, p. 101)*

Neste contexto, a morte é subjugada e já não tem seu lugar de visibilidade. O seu espaço no meio social que antes era público, vai assumindo um espaço cada vez mais privado e menos compartilhado. [Paula](#) & Souza (2020) dizem que no passado os cemitérios eram apresentáveis, com adereços que marcavam a simbologia da morte. No entanto, muitos cemitérios novos, aderiram a ideia de jardim, nos quais não há uma visualização imediata da morte. Os sepultados estão escondidos por debaixo de algumas placas no chão gramado. De certa forma, assim como a sociedade moderna limita o ser humano de vivenciar o morrer, ela também limita os vivos de se mostrarem comovidos com o falecimento de seus entes. Se fechando cada vez mais em seu sofrimento diante da morte.

Considerando o contexto pandêmico, no qual o processo de morte é ainda mais solitário, podemos sugerir que as dores de um luto que se dá na impossibilidade de se estar com quem se amava nos últimos instantes de vida ainda mais intenso. Assim como, um velório sem a visualização do corpo e restrito a apenas alguns familiares próximos,

ou seja, sem abraço, sem flores e algumas vezes enterrados em covas coletivas, torna impeditivo o vivenciar a face da morte, isto é, a visualização do corpo do morto.

E se pensarmos que se somado ao “pré-conceito ve-lado” da morte pela Covid-19, está o medo de adoecer, ao mesmo tempo em que se está diariamente exposto à morte e este luto solitário ([Oliveira](#), 2020), fatalmente estaremos expostos às suas marcas e traumas. Em tempos pandêmicos, onde o sofrimento é generalizado e alcança as diversas áreas da vida humana, aliviar a dor é uma busca incansável de quem sobrevive. Esta procura se dá em diversos espaços na dinâmica da vida humana que lhe apresente uma segurança do bem viver, assim como a espiritualidade pode propor.

Esta sociedade que tem dificuldade de lidar com o sofrimento, mesmo tendo consciência de que ele é inevitável, busca nos medicamentos uma forma rápida de alívio à dor. Solucionando-a, ainda que muitas vezes, sem resolver o problema, a causa. Embora seja em muitos momentos difícil de suportar, a dor é o sinal de que algo não está bem com o corpo, a mente, a alma, e até mesmo com todo o contexto social.

## O enlutamento em tempos pandêmicos

Uma pandemia pode deixar seus rastros por longos anos, mesmo depois de um certo controle na disseminação da doença. Se o cenário em que ela surge for instável, podemos falar num maior sofrimento advindo das questões econômicas e sociais vividos pela população mais vulnerável. Em 1918, o mundo ainda respirava as consequências da primeira Guerra Mundial, quando uma pandemia, semelhante à Covid-19, se espalhou primeiramente por alguns países da Europa.

O cenário de caos pós-guerra, se revelava ainda mais terrível com a Gripe Espanhola. Tropas inteiras foram contaminadas pela doença, que revelava sua face perversa. O que parecia inicialmente ser mais uma simples gripe, aos poucos se tornava grave. Em poucos dias pessoas chegavam a óbito sem conseguir respirar, segundo [Rocha](#) (2006).

Depois que a Gripe Espanhola, como ficou conhecida devido ao grande número de mortos na Espanha, se espalha por toda a Europa, chega ao Brasil, primeiramente, pelo Nordeste. A doença desembarca com um grupo de soldados que voltavam da Primeira Guerra onde atuavam como força médica. Chegavam por Recife, Bahia e simultaneamente no Rio de Janeiro e São Paulo.

Neste tempo ficou evidente que as condições econômicas influenciavam na forma como a doença se propagava. Em São Paulo, por exemplo, quem tinha melhores condições financeiras, decidia por sair da cidade, escolhendo lugares mais tranquilos e distantes da pandemia. Muito embora haja entre a Gripe Espanhola e a Covid-19 cerca de 100 anos de distância, podemos perceber muitas semelhanças em seu impacto direto ou indireto. Sejam os efeitos da própria doença em si, como suas medidas de prevenções e tratamento, bem como, suas consequências sociais e econômicas.

*Com o avanço da pandemia, sal de quinino, remédio usado no tratamento da malária e muito popular na época, passou a ser distribuído à população, mesmo sem qualquer comprovação científica de sua eficiência contra o vírus da gripe. (...) durante a pandemia de 1918, as cidades ficaram exatamente assim: bancos, repartições públicas, teatros, bares e tantos outros estabelecimentos fecharam as portas ou por falta de funcionários ou por falta de clientes. (...) As autoridades brasileiras ouviram com descaso as notícias vindas de Portugal sobre os sofrimentos provocados pela pandemia de gripe na Europa. Acreditava-se que o oceano impediria a chegada do mal ao país. Mas, essa aposta se revelou rapidamente um engano (...) Pedro Nava, historiador que presenciou os acontecimentos no Rio de Janeiro em 1918, escreve que (...) “Nenhuma de nossas calamidades chegara aos pés da moléstia reinante: o terrível não era o número de casualidades - mas não haver quem fabricasse caixões, quem os levasse ao cemitério, quem abrisse covas e enterrasse os mortos. O espantoso já não era a quantidade de doentes, mas o fato de estarem quase todos doentes, a impossibilidade de ajudar, tratar, transportar comida, vender gêneros, aviar receitas, exercer, em suma, os misteres indispensáveis à vida coletiva”. (...) Estima-se que entre outubro e dezembro de 1918, período oficialmente reconhecido como pandêmico, 65% da população adoeceu. Só no Rio de Janeiro, foram registradas 14.348 mortes. Em São Paulo, outras 2.000 pessoas morreram. (Rocha, 2006, n.p)*

Outra semelhança importante entre a Gripe Espanhola e a Covid-19 está no processo do morrer, que se dá de forma solitária pela pessoa infectada, e na impossibilidade de realizar os rituais fúnebres junto ao corpo por seus familiares e amigos/as. No mundo cerca de 40 milhões de pessoas morreram acometidas pela Gripe Espanhola. Seu alcance, considerando a limitação de comunicação e globalização, foi em seu total, ainda maior do que o que vislumbramos hoje com a Covid-19.

Assim como na pandemia de 2019, a Gripe Espanhola limitava e, muitas vezes, impedia as procissões fúnebres até os cemitérios. Algumas famílias, sequer chegaram a enterrar seus mortos. No auge da doença no Rio de Janeiro, atingindo os enterradores, muitas famílias deixavam os corpos de seus entes queridos em frente às suas casas para que fossem recolhidos e assim enterrados, algumas vezes em valas coletivas.

*Morte em massa”, “mar de insepultos” “mortes a centenas”, “espetáculo macabro” são alguns dos termos usados para falar da mortalidade causada pela Gripe Espanhola. Bassanezi assinala a subnotificação dos dados, ao analisar as estatísticas de São Paulo. A autora aponta que “nem todos os casos foram notificados ou foram registrados com outras causas, quando a gripe foi causa determinante e final das mesmas” (...) alta taxa de óbitos atingiu especialmente os mais pobres, moradores de cortiços, vilas operárias e comunidades, com maior letalidade da faixa-etária de 20 a 40 anos. (Kind & Cordeiro, 2020, p. 6)*

Embora seja necessário um pouco mais de tempo para tais conclusões, os números de mortos pela Covid-19, se comparados à gripe de 1918, são inferiores. Especialmente se considerarmos que já estamos há pelo menos um ano e meio de pandemia, ultrapassando até o momento de elaboração deste artigo cerca de 4 milhões e 400 mortos no mundo, segundo a folha informativa da OPAS ([Organização Pan-Americana da Saúde](#)) e a OMS (Organização Mundial da Saúde).

Entretanto, precisamos considerar também que em tempos pandêmicos da Covid-19, as informações chegam mais rapidamente e os estudos estão mais avançados, oferecendo uma maior possibilidade de vida, se comparado com o mundo de 100 anos atrás. Porém é inegável que as demais consequências e desafios políticos de cada país no enfrentamento direto e indireto, agregam implicações a uma pandemia

nesta proporção, assim como, no cuidado com a vida e no processo de humanização da morte.

Uma das coisas que pandemias como a Gripe Espanhola, que acometeu o mundo em 1918, e a Covid-19 registrando o primeiro caso em 2019 na China, acarretam, é a interferência no processo de morte. Este espaço se torna solitário e a despedida, tão importante na elaboração do luto, é restrita e sem a visualização do morto, sem o toque no corpo. [Franco](#) (2021, p. 110) diz que “a fim de entender como a relação entre morte, luto e memória pode proporcionar meios de compreensão de aspectos socioculturais e históricos” é necessário um olhar para o indivíduo religioso e suas práticas, inclusive diante da morte.

O velório é, na verdade, um ritual de morte, onde as pessoas enlutadas iniciam seu processo de ressignificação da vida pós-perda. Neste momento, é tomada a consciência de que o ser até então vivente já não existe mais, assumindo como “antepassado” de uma parte da história da vida. Para as pessoas cristãs, por exemplo, este rito envolve uma dimensão espiritual onde se expõe como rito de passagem para uma nova vida - Vida Eterna. A privação deste espaço de choro, abraços, concretização, pode gerar uma impossibilidade no processo de assimilação deste luto.

[Silva](#) (2020) salienta que os rituais funerários nos espaços de velório permitem que os vivos elaborem as mudanças sociais e pessoais que a morte impõe. Neste espaço que se toma consciência da morte, chora-se o morto enquanto toca seu corpo e assimila a sua morte. O momento de despedida é também de lembrança da vida vivida, de se ri, se abraçar e compartilhar as alegrias e lágrimas. Portanto, o velório é parte da elaboração e assimilação do luto.

O distanciamento social, necessário para o controle da doença, proporciona um luto solitário. Familiares, amigos e amigas, são impossibilitados de realizar um velório presencial e comunitário, até mesmo de pessoas que não faleceram por causa do coronavírus. Quando o velório é liberado, este momento é curto e restrito a um número de pessoas. Porém se o óbito é pela Covid-19, as restrições são ainda maiores.

Velórios relâmpagos, com caixões lacrados em espaços abertos e coletivos e, em casos extremos, como em Manaus – AM, os enterros também aconteceram em covas coletivas e, algumas vezes, sem uma identificação correta e devida. Além disso, há o mercado da morte, que aproveita a situação de fragilidade de quem perdeu alguém para lançar mão de suas negociatas, tornando esta despedida sem a possibilidade do contato com o corpo de quem faleceu, ainda mais dolorosa.

A privação dos olhares na face, das gestões solidárias e as expressões de cuidado, segundo [Silva](#) (2020), desestabilizou os elementos simbólicos dos rituais de morte que estavam consolidados. Por isso, conseguimos compreender a frustração dos enlutados diante da impossibilidade de oferecer um enterro digno aos seus entes queridos. O que acarreta respostas emocionais agressivas ou até mesmo apatia e tristeza profundas.

Neste tempo de pandemia, o luto sem velório se tornou um assunto recorrente nos grupos do Projeto Enlutados/as. O que antes era restrito a algumas pessoas, que por estarem distantes geograficamente da pessoa falecida, eram incapazes de participar do ritual de despedida, passou a ser mais comum. Percebemos o quanto a ausência deste rito de despedida tem afetado a elaboração do luto. Muitas destas pessoas guardavam sua dor por não ter possibilitado um enterro e velório digno à pessoa que amava.

## Metodologias aplicadas

A dor, segundo [Lago-Rizzardi](#) et al. (2010), é o relato mais comum na procura por uma consulta médica, e ela não está ligada exclusivamente a estímulos físicos, mas também se apresenta em aspectos emocionais e até mesmo espirituais. Portanto, muitas pessoas sentem alívio ao expressar a sua dor através da fé, como por exemplo, as pessoas cristãs que o fazem a partir da oração, cânticos, aconselhamentos individuais, rituais cômicos, e mais especificamente em espaços terapêuticos, como aconselhamento pastoral em grupo.

*Em muitas circunstâncias, percebe-se a falta de clareza conceitual e de aplicabilidade na prática em relação à distinção entre religião e espiritualidade. Esse fator de distinção é fundamental na prática clínica uma vez que a vivência e o respeito pela liberdade religiosa e direito de todos, estão salvaguardados pelas instâncias ético-morais. A espiritualidade dimensiona e redimensiona o sentido da vida com um dinamismo interno. Em algumas pessoas, há uma maior sensibilidade e autoconsciência acerca de sua espiritualidade, o que favorece os processos de significação e ressignificação dos fatos da vida. (Tavares, 2020, p. 2)*

O papel da religiosidade/espiritualidade se revela como caminho de ajuda ao indivíduo em meio a dor do luto. “Se a fé é parte da vida do enlutado, este deve expressá-la da maneira que lhe pareça apropriada. A comunidade religiosa proporciona uma grande contribuição neste processo, favorecendo a integração social que muito colabora para o enfrentamento voltado à restauração”. (Franco, 2021, p. 107)

Grupos de aconselhamento pastoral, como os Enlutados/as, tendem a preencher uma lacuna que agrega a fé a um espaço terapêutico em tempos de dores como eventos pandêmicos. Tornando a morte um assunto comum e partilhado na perspectiva de quem sente o luto, assim como, um olhar integral para a dinâmica da vida. Tendo sempre na perspectiva de que o aconselhamento pastoral em grupo alcança suas próprias expectativas. E por isso é preciso estar atento para o momento em que a pessoa enlutada precisará de um acompanhamento mais especializado, seja espiritual e/ou psicológico no processo de elaboração do luto.

O aconselhamento pastoral pode ser desenvolvido de algumas formas, dentre elas a em grupo. No entanto, para este modelo, diferentemente dos individuais, casais, famílias etc. em que o assunto é pautado pelo que o/a aconselhando/a apresenta, no aconselhamento pastoral em grupo o movimento é inverso, ele já nasce para atender uma necessidade específica e comum de um grupo de pessoas.

Embora sua metodologia seja em parte semelhante a grupos de apoio, há de se destacar as diferenças entre eles. Diferentemente de um grupo de apoio, que são abertos e contínuos, o conteúdo e metodologia aplicada no aconselhamento pastoral em grupo,

como os Enlutados/as, é direcional, com data para começar e terminar. E as pessoas que desejam fazer parte do grupo precisam se inscrever previamente.

Por outro lado, e, embora a religião não seja um fator indispensável para a participação de um grupo como os/as Enlutados/as, existe esta possibilidade de diálogo, e sua aplicação se dá na integralidade do ser humano. Destacando sempre que o aconselhamento pastoral em grupo não substitui uma eventual necessidade de um acompanhamento mais específico, dentro de cada religião de seus participantes, bem como psicológico.

[Castellanos](#) (2008) diz que o processo de humanização transcorre sempre que alguém expõe sua própria vida a uma revisão. Usando o Evangelho, destaca que as pessoas diante da possibilidade de nova vida e salvação se abriam para um diagnóstico e assim tinham um encontro profundo com Cristo. Vivenciar a humanidade compreende descobrir-se, deixar-se confrontar e adquirir nova lucidez, buscando encontrar-se com seu interior de forma sincera e profunda.

O aconselhamento pastoral em grupo pode ser instrumento de ajuda na elaboração do luto permitindo descobrir a nossa humanidade, libertando as capacidades criativas em relação às adversidades da vida, que muitas vezes, acontecem de forma mútua no compartilhar das experiências de dores e sofrimentos de forma coletiva. Este é o primeiro passo para a construção de um grupo.

O projeto Enlutados/as, aconselhamento pastoral em grupo para pessoas que estão vivenciando o luto, funciona desde 2018 na Universidade Metodista de São Paulo, sobre a coordenação da autora principal através da Pastoral Escolar e Universitária. Os encontros são gratuitos e divulgados para inscrições nas mídias sociais da Universidade e por e-mails corporativos a funcionários/as e alunos/as. Divide-se em dois módulos de quatro encontros cada, que seguem a metodologia a partir do primeiro encontro, quando as pessoas do grupo são convidadas a relatar suas experiências com o luto. Neste momento, fazemos a coleta dos sentimentos expostos e montamos os cronogramas dos assuntos que discutiremos nos próximos encontros.

Cada encontro tem uma duração de 1h30min e todas as pessoas em todos os encontros são convidadas a falar como se sentem diante do assunto proposto. Por isso, é restrito o número de participantes ao mínimo de 5 e o máximo de 10 pessoas. Fica estabelecido um número mínimo, para que se possa alcançar um espaço de diálogo mais diversificado e participativo, embora não haja uma obrigatoriedade de fala, respeitando sempre quando o desejo é silenciar, bem como um número máximo de 10 pessoas, garantindo tempo a todas as pessoas no grupo. É um grupo misto e destinado a maiores de 18 anos, que são responsáveis por si.

Em tempos sem pandemia, os encontros aconteciam presencialmente. Separávamos uma sala silenciosa e colocávamos as pessoas sentadas em roda, de forma que ninguém estivesse numa posição de destaque. Com o advento da pandemia, este ambiente tornou-se virtual. Assim, as orientações seguiram para que cada pessoa buscasse um ambiente silencioso e separasse este tempo para estar exclusivamente no grupo. Em ambos os espaços os encontros atenderam às expectativas.

Embora não seja muito usual, ocorre de duas ou três pessoas da mesma família participarem do mesmo módulo, mas que vivenciando o luto de formas diferentes. Por isso, procuramos sempre tornar um espaço individual para a manifestação dos sentimentos em relação ao luto. Quando há mais de uma pessoa vivenciando a mesma perda, pedimos que falem a partir do que estão sentindo e não do que percebem de sentimentos na família. Assim, o lugar da fala de cada pessoa enlutada se torna único, ainda que seja de certa forma, compartilhado em alguns momentos com outras pessoas no grupo.

A possibilidade de um suporte emocional e até mesmo espiritual em um processo de luto, pode auxiliar na resignificação da vida, especialmente pela acolhida através da escuta em espaço de partilha da dor sem preconceito. Há de se destacar que boa parte das pessoas que no enfrentamento de qualquer situação que envolva a saúde/doença, associem a religiosidade/espiritualidade, conseguem com mais ênfase superar e evoluir para um bem-estar geral. Logo, segundo [Faria & Seidl \(2005, p. 38\)](#), “crenças e práticas religiosas, são mediadoras no processo saúde-doença, devido ao envolvimento de esquemas cognitivos que poderiam aumentar os recursos pessoais

de enfrentamento – pelo incremento da sensação de controle e autoestima – permitindo atribuir significado aos eventos estressores”.

Para [Siqueira & Padovam \(2008\)](#) o suporte em uma condição difícil da vida de uma pessoa pode ajudá-la na recuperação de sua autoestima reforçando sua dignidade e, aperfeiçoando suas relações interpessoais. Gerando um significado a sua experiência de vida e assim resultando, segundo as pesquisas levantadas, na diminuição dos riscos de depressão e estresse. Para tanto, no grupo há uma participação coletiva nas trocas e experiências de dores diante do luto e raramente alguma pessoa não externa o que está sentindo.

Como o grupo acontece dentro de uma instituição confessional e é coordenado pela autora principal deste Relato de Experiência, ao final de cada encontro perguntamos se podemos fazer uma oração. O que sempre é respondido positivamente, até mesmo por quem não confessa a mesma fé.

[Paula \(2012\)](#) nos revela a importância deste aspecto definido e bem aplicado. O lidar com a dor do luto está relacionado ao nosso vínculo com um ser transcendente e que resignifica o viver. Trazendo novos sentidos a vida que merece ser vivida. Por isso, uma espiritualidade saudável é relevante no enfrentamento de situações adversas da vida, como a morte. Já que ela expõe a nossa realidade ao mesmo tempo que ampliar nosso olhar em relação a nossa própria vida.

Embora os tempos pandêmicos apresentem um cenário de muita dor e sofrimento, onde o luto individual de uma família, se junta ao luto de outras famílias, assumindo em parte um caráter coletivo, o cronograma dos encontros não sofreu muitas alterações quanto aos temas em decorrência da pandemia. Mas são perceptíveis as mudanças pontuais que se fizeram necessárias para incluir temáticas como, velório, que antes não era tão abordado.

A necessidade de mudança da modalidade presencial para online gerou alguns impedimentos no tocante à relação interpessoal: do abraço no final de cada encontro, por exemplo, tornou o espaço menos propício. Em contrapartida, possibilitou o ingresso de pessoas de outros estados e cidades, que presencialmente não seriam contempladas.

Outra mudança significativa foi a procura pelo grupo no primeiro estágio mais agudo da pandemia, em junho 2020, que culminou no segundo semestre de 2020 com a preparação de três grupos, dois além do que normalmente é atendido, a fim de suprir a demanda das pessoas. No entanto, no início de 2021, a procura diminuiu e quase voltou ao habitual.

Apesar de não termos condições de afirmar como será o encerramento do segundo semestre de 2021, podemos estimar que haverá um crescimento, devido aos números de mortes no primeiro semestre de 2021; há algum tempo para repercutir na chegada destas pessoas enlutadas ao grupo, que geralmente se expressa em inscrições de lutos com mais de 3 meses da morte. Já podemos perceber isso, uma vez que iniciamos o segundo semestre de 2021 com um grupo de 8 pessoas que se inscreveram e coincidentemente, todas vivenciando o luto por morte ocasionada pela Covid-19.

Em nossa metodologia, no último encontro de cada módulo, além do conteúdo apresentado e dialogado, cada pessoa escreve como se sente ao final do módulo e, se desejar, pode falar ao grupo como está em relação ao luto. Este é um momento de avaliação pessoal e da efetividade do grupo no processo da elaboração do luto, onde cada pessoa expõe ao/a mediador/a aconselhador/a o que mudou e o que ainda precisa elaborar. Assim é possível avaliarmos os resultados e vislumbrar outros temas e conteúdos para um próximo módulo. Até hoje, o projeto Enlutados/as já atendeu cerca de 70 pessoas, nas modalidades presenciais e online, dividido em 8 grupos.

## Resultados

Em grandes catástrofes, onde a visibilidade da dor, do sofrimento é maior, a forma como a morte é abordada influencia ou influenciará na assimilação do luto. Em tempos pandêmicos, com mortes diárias aumentando assustadoramente, como no Brasil, corre-se o risco de naturalizar este evento, recaindo num processo de indiferença social à morte. Portanto, segundo Paula (2013, p. 20) “o acolhimento, os gestos, a disposição de estar com uma pessoa em momentos doloridos é uma atitude que pode trazer alívio e esperança para continuar lidando com nossos limites”, especialmente em tempos pandêmicos.

*O Memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil é uma dessas iniciativas. Outra possibilidade é o site Os inumeráveis, em que cada uma das vítimas é nomeada. Parentes, amigos e voluntários publicam sobre os seus mortos. Suas vidas não são apenas números. Usando as novas tecnologias, os sentimentos de luto são compartilhados e tornados públicos. É possível falar um pouco das relações do morto, dos seus afetos.*  
(Silva, 2020, p. 10)

Nestes casos, a disponibilidade de espaços que tornem visíveis a identidade da pessoa que morreu, reforça a sua significância no meio social da qual fazia parte. Meios de comunicação que façam com que os números estatísticos se revelem em nomes e histórias, bem como, espaços de escutas, grupos de aconselhamento pastoral, e grupos de apoio ao luto, por exemplo, podem ser caminhos para ressignificar a vida pós-luto.

A ressignificação da vida pós-luto por morte não exclui definitivamente a tristeza e saudade que se sente por quem se foi. Muitas vezes, a dificuldade na elaboração do luto está atrelada à dor, pois deixar de senti-la é apagar quem se foi. A ideia de que para superar é preciso esquecer, se esvai quando chegamos neste ponto. Paula (2012) mostra-nos que temos uma capacidade enorme de nos apegarmos, que de certa forma, está aliada a capacidade de desapegar. Para o Cristianismo, a vida se torna eterna quando assumimos a possibilidade de nos perder para amar, e perdendo-nos para então podermos encontrar novamente. O amor se desponta na perda, no ganho e partilha. A imagem de que se é possível eternizar a pessoa que se perdeu assume o espaço do medo e do esquecimento, aguçando a possibilidade de continuidade da vida pós-luto.

Percebemos que algumas pessoas chegavam ao grupo enlutados/as desacreditando da alegria de viver dada a ausência física de quem tanto amava. Outras, por sua vez, relatavam que sentiram o desejo de morrer para que pudessem se aproximar de quem se foi; percebendo na morte o único caminho para a superação do luto. É importante destacar que a participação no grupo, não resolveu de forma mágica as angústias e perguntas, mas ofereceu caminhos para a ressignificação da vida.

Com o avanço dos encontros em novos grupos, notamos que em torno de duas a três pessoas

retornavam num próximo módulo, ou seja, completando os dois módulos e somando oito encontros. Entretanto, tornava nítida a transformação e a reação diferenciada em relação ao luto, do primeiro para o segundo módulo, nestas pessoas. Quando regressavam, estavam mais alegres e mais cientes do processo que envolve o luto, uma compreensão da elaboração e de como os sentimentos vão tomando seus espaços no tempo devido. Paula (2011, p. 190) ressalta que “É indispensável afirmar também que a concepção de um aconselhamento pastoral comunitário pode contribuir de forma significativa com a relação entre cuidado pastoral e cidadania, numa sociedade marcada pela falta de atendimento e serviço em situações de luto”.

*A dor e o sofrimento podem se tornar intoleráveis quando há medo, incompreensão ou depressão. A arte é encontrar um canal para sua expressão. O sofrimento deve despertar no profissional o desejo do cuidado, a empatia e compaixão; se levar ao distanciamento, indiferença ou tecnicismo, algo está errado. Para cuidar é preciso se deixar tocar, abrir as antenas da sensibilidade para captar os sinais emitidos por aqueles sob seus cuidados. (Kóvacs, 2014, p. 102)*

Nos relatos finais de cada módulo, é perceptível como estas pessoas que já conseguiam verbalizar as habilidades adquiridas nos encontros ao reconhecerem seu luto, e sua significância para a continuidade do viver. Era comum nestes relatos dizerem que antes de participar do grupo Enlutados/as eram pessoas enlutadas que guardava suas emoções. No entanto, o espaço de partilha neste grupo lhes proporcionou um despertar da consciência, de que, embora continuem vivenciando o luto, já conseguem reconhecer seus sentimentos.

Outro assunto recorrente, especialmente nestes tempos pandêmicos, está na impossibilidade de proporcionar um enterro e velório digno ao seu ente querido. A dificuldade de realizar o velório e a ideia de que seu ente querido foi sepultado sem uma roupa especial e flores, agregava ainda mais sofrimento neste processo. No entanto, tais pessoas expressavam que compartilhar esta angústia no grupo, de alguma forma lhe trazia alívio, porque também se encontravam em outras histórias semelhantes à sua.

Sempre que vivenciamos quaisquer situações de sofrimento, e somos impulsionados/as a resignificar

nossas vidas, é necessário muita força emocional, bem como, espiritual para quem confessa uma fé, para trilhar por este caminho árduo e se refazer. A psicologia define esta capacidade como resiliência. Hoch & Rocca (2007) afirmam que este conceito nasceu e desenvolveu-se na Inglaterra, chegou ao Estados Unidos, espalhou-se pela França e outros países da Europa e mais tarde alcançou a América Latina assumindo um formato mais humanizado, atribuído à imensa desigualdade social.

*A palavra resiliência é tomada da física dos materiais. É uma força de resistência ao choque e de recuperação. Significa a capacidade elástica de um material para recobrar sua forma original depois de ter sido submetido a uma pressão deformadora. Na psicologia (...) é a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condições de vida difíceis e de traumas, às vezes, graves (Hoch & Rocca, 2007, p. 10).*

Nem todas as pessoas possuem esta capacidade de se refazer com facilidade e rapidez após uma situação que gera sofrimento. Assim também, não era raridade nos depararmos com pessoas que traziam em seus relatos, histórias de outros lutos que não haviam sido superados. E isso só se tornava perceptível à medida que compartilhavam e/ou ouviam de outras pessoas suas histórias de dores e luto.

Algumas vezes, estas pessoas traziam consigo mais que um luto específico, ou seja, uma somatória deles. Nestes casos, é possível que as reações frente ao luto que as levou ao grupo sejam reflexos de um compêndio de dores. Isso desafia o/a mediador/a a realizar uma leitura de forma imparcial, que lhe permita enxergar as possibilidades e limites diante do sofrimento que cada pessoa está vivenciando ou vivenciou. Nesses casos, é comum orientar que a pessoa enlutada procure um atendimento psicológico mais especializado.

Na vivência do grupo, percebemos que nem sempre o processo da elaboração do luto se dará da mesma forma. Entretanto, um espaço coletivo de diálogo acerca da dor enfrentada na elaboração do luto, auxilia neste processo de forma significativa. Poderíamos dizer que cerca de noventa por cento das pessoas que terminaram os 4 encontros reconhecia que precisavam falar da sua dor para que pudessem

seguir em frente, afirmando que chegavam àquele momento mais leves e tranquilas do que quando se inscreveram. Os outros dez por cento, percebem que precisam de ajuda mais especializada, pois outras questões foram desencadeadas a partir do luto.

Era comum nos encontros finais de cada módulo, dizerem que poder falar sem que ninguém reproduza discursos prontos, ou até mesmo apresente alternativas, foi significativo. Na verdade, é notável que, essas pessoas revelavam que sabiam o que precisavam fazer, mas foi importante descobrir isso enquanto compartilhavam no grupo.

Os assuntos propostos durante os encontros se mostraram eficazes em sua ação. Ao abordá-los, essas pessoas se permitiam tocar em assuntos guardados; uma vez que ouviam outras histórias, muitas vezes semelhantes às suas, se sentiam motivadas em expor também a própria experiência. Houve momentos em que algumas pessoas não se sentiam à vontade para compartilhar, sendo assim, respeitávamos seu tempo e esperamos até que ela desejasse a palavra. De modo geral, cem por cento das pessoas falava das suas dores diante do luto.

As perdas advindas da Covid-19 e/ou consequência da doença, também se mostraram mais agudas em seus relatos. Um ponto em comum é a impossibilidade de contato pré-morte e rituais fúnebres. No começo da pandemia da Covid-19 no Brasil havia um distanciamento maior nestes casos. Com o tempo foi se percebendo que depois de alguns dias aquela pessoa já não contaminava mais, e a família era chamada ao hospital para este momento de despedida, o que de certa forma, ajudou neste processo da elaboração da morte.

No entanto, no grupo de enlutados, poucas pessoas relatavam que conseguiram ir visitar um familiar no hospital, alguns dias antes de morrer. Outras nutriam a tristeza de não ter tido uma despedida digna. Entretanto, era comum, o sentimento de angústia e dívida/culpa ante a impossibilidade de realização de rituais fúnebres.

Ao final de cada módulo, as pessoas enlutadas revelavam como se sentiam agora diante de suas

perdas, em vários momentos as histórias e sentimentos se encontravam. Havia uma compreensão da dor que precisava ser vivida e identificada, bem como da superação, que não significa ausência da dor, da história, mas a capacidade de ressignificar a vida, apesar da saudade.

Algumas pessoas, a partir da sua construção religiosa, apresentavam que perceberam que é possível continuar vivendo e lutando na vida enquanto vivencia o luto. Outras, mesmo não confessando uma fé no grupo, relatavam que conseguiam renovar sua esperança e se sentiam confortadas inclusive com os textos bíblicos, lidos no início, e as orações realizadas ao final de cada encontro.

## Considerações finais

O sofrimento pode ser encarado de diversas maneiras, seja como a possibilidade de resiliência, de refazer-se e buscar um novo sentido para vida, ou, como um processo injusto e cruel. Neste processo de entender e absorver o sofrimento como parte da vida, podemos optar pela dor solitária, no distanciamento da vida e das pessoas, mas há quem encontre em um espaço coletivo o lugar de partilha, e assim alimentando-se de outras experiências de sofrimento que trazem conforto mútuo.

Nesta caminhada dura e pesada em dor, o sofrimento tende, por vezes, a destruir alguns sentimentos do mais profundo ser de quem sofre, ao mesmo tempo que abre a possibilidade de fortalecimento em outras questões antes não exploradas. O autoconhecimento é importante neste processo, e algumas vezes acontece por meio da espiritualidade. Em quem se crê e como se crê, em muitos momentos, é fator determinante no caminho de volta à vida pós-sofrimento.

Espaços que integram a espiritualidade e a saúde integral do ser, especialmente no tocante ao luto, se revelam com um caminho para uma melhor qualidade de vida da pessoa enlutada. Assim, como apresentado neste relato de experiência, o grupo Enlutados/as trouxe um alívio a partir da escuta e trocas de experiências de dores, possibilitando superação e ressignificação da vida.

## Contribuições das autoras

Ferreira F. O. participou da concepção e elaboração do relato de experiência. Benincasa M. e Paula B. participaram da orientação, supervisão e indicação de conteúdo bibliográfico.

## Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

## Referências

- Castellanos, S. U. (2008). A Igreja como comunidade de saúde integral. In H. N. Santos, *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e Caribe*. Aste.
- Faria, J. B., & Seidl, E. M. F. (2005). Religiosidade e Enfrentamento em Contextos de Saúde e Doença: Revisão da Literatura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 381-389. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300012>
- Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. Summus Editorial.
- Hoch, L. C. & Rocca, S. M. (2007). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. Sinodal.
- Kind, L., & Cordeiro, R. (2020). Narrativas sobre a morte: A gripe espanhola e a COVID-19 no Brasil. *Psicologia & Sociedade*, 32, e020004. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240740>
- Kóvacs, M. J. (2014). A caminho da morte com dignidade no século XXI. *Revista bioética*, 22(1), 94-104. <https://www.scielo.br/j/bioet/a/QmChHDv9zRZ7CGwncn4SV9j/?lang=pt>
- Lago-Rizzardi, C. D., Teixeira, M. J., & Siqueira, S. R. D. T. (2010). Espiritualidade e religiosidade no enfrentamento da dor. *O Mundo da Saúde*, 34(4), 483-487. <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/591>
- Lepargneur, H. (1985). *Antropologia do Sofrimento*. Santuário.
- Oliveira, E. (2020). *A cada morte por coronavírus, seis a dez pessoas são impactadas pela dor do luto, dizem especialistas*. G1. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/01/a-cada-morte-por-coronavirus-seis-a-dez-pessoas-sao-impactadas-pela-dor-do-luto-dizem-especialistas.ghtml>
- Organização Pan-Americana da Saúde. *Folha informativa do COVID-19*. <https://www.paho.org/pt/covid19>
- Paula, B. (2012). Espiritualidade nas perdas. *Revista Caminhando*, 17(1), 111-120. <https://doi.org/10.15603/2176-3828/caminhando.v17n1p111-120>
- Paula, B. (2018). Um olhar pastoral sobre o luto e a violência. *Revista Pistis & Praxis Teologia Pastoral*, 10(1), 101-116. <https://doi.org/10.7213/2175-1838.10.001.DS05>
- Paula, B. (2011). *Pedaços de nós: luto, aconselhamento pastoral e esperança*. Aste/ Editeo.
- Paula, B., & Souza, L. A. (2020). O tabu da morte na modernidade: a COVID-19 como um reforço ao interdito. *Caminhos de Diálogo*, 8(13), 165-176. <https://doi.org/10.7213/cd.a8n13p165-176>
- Rocha, J. (2006). Pandemia de gripe de 1918. *Invivo - Museu da Vida Fiocruz*. <http://www.invivo.fiocruz.br/historia/pandemia-de-gripe-de-1918/>
- Silva, A. V. (2020). Os 'ritos possíveis' de morte em tempos de coronavírus. *Dilema*. <https://www.reflexpandemia.org/texto-50>
- Silva, A. V. (2020). *Velórios em tempos de COVID-19*. (Boletim Especial No. 25). Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. [http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2753-publicacoes/boletim-cientistas-sociais/2339-boletim-n-25-cientistas-sociais-e-o-coronavirus?fbclid=IwAR1m0ARSyHGAWKU9362-2E5WZsi1LXnCbFfHFCHLlczxqRShakR\\_TF\\_hnyl](http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2753-publicacoes/boletim-cientistas-sociais/2339-boletim-n-25-cientistas-sociais-e-o-coronavirus?fbclid=IwAR1m0ARSyHGAWKU9362-2E5WZsi1LXnCbFfHFCHLlczxqRShakR_TF_hnyl)
- Siqueira, M. M. M., & Pandovam, V. A. R. (2007). Suporte Social. In M. M. M. Siqueira, S. N. Jesus & V. B. Oliveira (Org.), *Psicologia da saúde: Teoria e pesquisa*. Universidade Metodista de São Paulo.
- Tavares, C. Q. (2020). Dimensões do cuidado na perspectiva da espiritualidade durante a pandemia pelo novo coronavírus (COVID-19). *Journal Health NPEPS*, 5(1), 1-4. <http://dx.doi.org/10.30681/252610104517>